EPEPE
IV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL EM PERNAMBUCO
Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Metodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo 2 - Educação e Memória

TERRA DE CARUARU NO IMAGINÁRIO DE JOSÉ CONDÉ

OLIVEIRA, Maria Juliana de - FAFICA

RESUMO

O início de uma cidade, que surge por entre pedras, carurus, clima diferente até José Rodrigues de Jesus proporcionar as condições iniciais para o que viria em seguida. Seria possível trilhar todo o percurso feito pela cidade desde o seu início? Seria possível descrever cada lugar com tal perfeição que colocasse o leitor como participante da história, tornando-o imaginariamente natural daquele lugar? O romance ***Terra de Caruaru*** dispensa respostas e sua leitura em si responde qualquer dúvida. Um autor ilustre e importante para a cidade de Caruaru, José Condé vai além de uma apresentação histórica da cidade, ele reproduz em páginas literárias os sentimentos de vida guardados de sua terra natal. Ele faz de Caruaru mais do que um lugar no interior de Pernambuco, faz dela um palco para o seu imaginário ali ser representado. O presente estudo propõe-se apresentar ao leitor a obra ***Terra de Caruaru***, lançada em 1960, e o imaginário que José Condé possui de sua cidade natal. Para a produção deste artigo foram observados conceitos teóricos de Bachelard (2000) e Durand (1997). Algumas informações sobre a cidade no início do século XX também foram reunidas para a realização do trabalho. A importância do estudo é demonstrar que a obra está voltada a uma Caruaru intrínseca em José Condé.

Palavras-chave: Imaginário, Caruaru, José Condé

INTRODUÇÃO

Vivenciar o início de uma cidade, ver índios que ali faziam sua morada, assistir a uma guerra de disputas de terras entre homens e índios, presenciar a terra de Caruaru brotar diante de olhos que não se desligam de palavras que ali foram escritas, tudo isso faz surgir uma nova cidade de um passado meio vivido, meio sonhado: é, pois, o imaginário que floresce na obra ***Terra de Caruaru***, do romancista caruaruense José Condé.

Terra de Caruaru tem início com o princípio da cidade que era parada certa de boiadas que vinham do sertão. Segue-se com as lutas pelo domínio da terra, entre índios e homens, até ser erguida a capela de Nossa Senhora da Conceição, primeira iniciativa para a então fazenda sonhar-se cidade. E assim segue a obra, com uma perspectiva surpreendente a cada página. Caruaru passa a ser, não apenas o imaginário de José Condé, mas a também pertencer ao imaginário de quem lê. Eis o que José Condé faz, e com competência, em sua obra: ligar o leitor a sua obra como se ela fosse parte dele.

Este texto propõe mostrar, em ***Terra de Caruaru***, toda uma realidade pessoalmente vivida por este autor, as imagens poéticas reunidas em seu interior, seus devaneios, e principalmente o imaginário que ele carregou de sua cidade natal. Será estudado como o imaginário surge na mente humana, desde a presença no minuto da imagem até sua repercussão dentro do indivíduo. Será abordada também a relação do imaginário do autor com o do leitor, e, por fim, será visto em que lugar passa a morar o leitor depois da experiência de contato com o imaginário do escritor.

Numa segunda parte, de forma breve, será descrita a cidade de Caruaru, desde seu início até o princípio do século XX, momento em que a obra se desenvolve. Finalmente, o estudo seguirá diretamente para a obra, o autor e seu imaginário.

Abordaremos algumas teorias sobre o imaginário, a partir de autores como Gaston Bachelard, Álvaro Lins, Sébastien Joachim, Gilbert Durand, entre outros, que irão traçar caminhos para uma análise do imaginário condeano.

O objetivo do artigo é apresentar a obra ***Terra de Caruaru*** e estudar o imaginário de quem vivenciou seu próprio romance, além de mostrar que a obra tanto foi sonhada quanto vivida, e que esses sonhos brotaram exatamente de sua vivência com o ambiente em que se encontrava, com sua realidade, com a terra de Caruaru.

1. A construção do imaginário

1.1. O desenvolvimento do imaginário na mente humana

Ambiente habitado, realidade, imagens, lembranças, devaneios, passado, presente. O imaginário tende a carregar uma forte concepção, por vezes fixa, de que seus frutos são providos de uma série de ilusões interiores acumuladas e perdidas no inconsciente do indivíduo. Partindo desta visão, o imaginário torna-se o lugar onde os sonhos habitam e se desenrolam, fazendo com que o real não resida neste espaço; ele fica em condição de inexistência neste ambiente. O imaginário é entendido aqui como produtor de invenções, fantasias, ou seja, não gera uma realidade perceptível. É pertinente expor que esta é compreendida como uma concepção em sentido geral do que se entende por imaginário, não havendo pois intervenções científicas ao conceito.

No entanto é de se questionar a forma como se dá o desabrochar do imaginário nas mentes humanas, percebendo-se a partir deste instante que o imaginário não é desprovido do real, pelo contrário, a realidade tem essencial papel na construção de imagens, assim como destaca Álvaro Lins: "Está claro que as imagens não se formam de nada; e geram-se precisamente no contato do artista com a realidade do seu ambiente social, dos objetos que o cercam, dos fatos que se desenrolam em torno dele" (LINS,1963, p.333).

O imaginário não é apenas um conjunto de sonhos mas é, antes de tudo, o convívio com o que é real aos olhos do indivíduo, ou seja, algo que se torne próximo, familiar ao que foi vivenciado por ele: "É preciso estar presente, presente à imagem no minuto da imagem" (BACHELARD, 1978, p.183). Para que o imaginário se manifeste, o indivíduo, inconscientemente, mexe com variadas situações externas e internas. Para isso, o indivíduo, ao observar as imagens de todo o espaço que o cerca, do ambiente em que ele está inserido, interioriza toda uma poética do lugar onde ele se encontra. Quando interiorizada, esta poética dá abertura à memória, e esta, por sua vez, é exteriorizada pela forma de devaneios ou sonhos, como ressalta Durand (1988) ao se referir à imaginação simbólica como uma transformação de uma imagem concreta através de um sentido abstrato. A partir disto, é criada, então, a chamada imagem poética, tão discutida nos textos bachelardianos, que provoca uma relação entre arquétipos adormecidos no inconsciente e a imagem poética nova, que não é mais aquela que o indivíduo observou como imagem primeira.

Aqui, a imagem poética, assim que surge na consciência do indivíduo, é tida como produto direto da alma, isto Bachelard nos afirma com as seguintes palavras: "A

imagem poética terá uma sonoridade do ser. O poeta fala no âmago do ser" (BACHELARD, 1978, p.184). O indivíduo aqui faz da imagem poética uma repercussão sonora de outrora em seu interior, que circulam completamente por sua alma, seguem para a mente e ressoam. Essas imagens são produções de representações do passado que o ser vivenciou. A imagem primeira, então, está ligada diretamente à imagem dita poética, por meio de lembranças passadas:

> A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado, é antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. (BACHELARD, 1978, p. 183).

Por meio destes ecos, a imagem poética vai se distanciando, corta de vez o cordão umbilical com a imagem primeira. Passa, então, a possuir um significado fora daquele primeiro, passa a ter vida própria, a ser independente de qualquer imagem que a propôs: "as imagens se despregam e se tornam independentes da realidade que as sugeriu (...). Passam elas a formar, pela natureza mesma de nova criação, uma outra realidade, uma super-realidade, a realidade do mundo imaginário" (LINS, 1963, p. 333). Assim, ao se desligarem, elas constroem uma outra história, criam um universo poético totalmente novo e diferente.

1.2. O imaginário do autor e sua relação com o leitor

Antes de ser feita a relação do imaginário do autor com o leitor é preciso entender em que lugar anda a imaginação do criador da obra. O autor, antes de tudo, é um indivíduo, que, por sua vez, carrega consigo experiências passadas que foram vivenciadas por ele. O autor aqui não vive exclusivamente em um mundo imaginário, pelo contrário, ele faz do mundo os motivos necessários para sua imaginação acontecer: "Pois um mundo imaginário significa simplesmente um mundo de imagens, e se a função precípua do artista é a de criar imagens, não sei em que constitua fuga ou traição, isto de dizer-se que o mundo mais próprio do artista é o mundo imaginário" (LINS, 1963, p. 333).

O universo a que o criador pertence tanto faz parte do real quanto do imaginário, ele produz, por meio da realidade de seu ambiente e dos fatos que acontecem em torno dele, as imagens poéticas necessárias para que a obra seja feita. É pois uma reunião de ilustrações coletadas pelo interior do autor e destas ilustrações serão criadas outras, e que se ligarão diretamente ao leitor. No entanto, a relação entre a imaginação do autor com o leitor não é feita de maneira tão simplista, ambos são envolvidos por suas realidades e por suas imaginações. O leitor, aqui, além do seu real e de suas ilustrações, é abraçado pelas imaginações do autor, retiradas de imagens vivenciadas. Além de possuir seu imaginário e sua própria realidade, o leitor parece estar ligado diretamente ao criador, por meio destas imagens que podem ser familiares a ambos: "O poeta não me confia o passado de sua imagem e no entanto sua imagem se enraíza, de imediato, em mim" (BACHELARD, 1978, p.184).

O leitor passa a caminhar não apenas pelo imaginário do autor, mas pelo que foi vivido por ele. Aquele que lê não deixa suas vivências e suas imaginações de lado mas passa a acrescentar as suas, as imaginações e verdades do outro, do autor. É como se a obra ressoasse ilustrações passadas mais a imaginação do autor e isto repercutisse nas imagens poéticas carregadas pelo escritor:

> Por sua novidade, uma imagem poética abala toda a atividade linguística. A imagem poética nos coloca diante da origem do ser falante. Por essa repercussão, indo *de imediato* além de toda psicologia ou psicanálise, sentimos um poder poético erguer-se ingenuamente em nós. É depois da repercussão que podemos sentir as ressonâncias, repercussões sentimentais, recordações do nosso passado. (BACHELARD,1978, p.187-188)

É na leitura da obra que tanto as lembranças passadas de um como de outro explodem e se manifestam, provocando no leitor uma volta ao passado, não apenas ao seu passado mas ao passado do autor. Com Eagleton, Joachim (1982, p. 130) ressalta que "a obra literária exerce uma determinação sobre a reação do leitor", e que "essa determinação decorre da organização intrínseca das imagens que coage o leitor, o obriga quase a palmilhar certos caminhos, a reviver a experiência criadora".

O autor, através da obra, passa a ter, de certa forma, uma espécie de domínio sobre o leitor; a obra está tão fortemente ligada a quem lê que esta, por sua vez, parece ser a realidade dele e não a do outro: "Assim a imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa." (BACHELARD, 1978, p.200). O leitor, então,

passa por uma experiência nova de leitura. Através do mundo de imagens poéticas propostas pelo autor, o leitor se transfere para um outro cosmo, o escritor da obra faz com que ele trilhe caminhos antes não trilhados por ele: “Trata-se de viver o invivido (...)” (*op. cit*., p. 192). O leitor passa então por uma experiência que ele não vivenciou, mas que para ele é tão sua quanto do escritor.

A partir deste ponto, o leitor passa a caminhar pela alma do escritor e pela sua alma, e é nesta caminhada que o leitor habita uma outra morada, um outro lar, no qual ele se sente seguro, confortável e livre. Neste momento de aconchego do lar, daquilo que proporciona um sentimento de estabilidade, o leitor começa a se descobrir intimamente. É, pois, na intimidade onírica do outro que o leitor consegue penetrar em seu interior através do onirismo, ali ele percebe que sua alma, além de lembranças, está repleta de sentimentos deixados por distração: “Não apenas nossas lembranças, mas também os nossos esquecimentos estão aí ‘alojados’” (*op. cit*., p. 197)

De fato, após ter estudado, observado, analisado sua propriedade psique, o leitor torna-se proprietário da alma que antes de tudo era sua, mas que ele só veio ter conhecimento através da experiência de trilhar outros caminhos, de se abrir para o imaginário do outro e abrir-se para o seu imaginário, de não apenas conhecer o interior do outro mas conhecer principalmente o seu e ali querer habitar: “Nossa alma é morada. E quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘aposentos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos” (*op. cit.*, p.197) Bachelard (1978) ressalta que todo espaço habitado traz a essência da noção de casa, ou seja, a alma vista como espaço leva ao interior daquele que lê, o sentimento de casa, de conforto, aconchego e, principalmente, de segurança, e ao estar seguro o morador permanece ali.

1.3. A morada do leitor

Agora habituado a sua nova casa, o leitor passa a compreender os seus devaneios e interpretá-los em suas lembranças passadas. As antigas imagens passam, então, a habitar outro lar, um novo lar, a alma do leitor: “Todo passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova” (*op. cit.*, p.200). O leitor, por sua vez, “vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (op. cit., p. 200).

Já totalmente envolvido em seu interior, o leitor sente-se dentro da história, começa, então, a procurar lugares, a observar objetos, qualquer imagem que traga a sua lembrança, o imaginário do autor, embora, para Bachelard (1978), a localização nos espaços de nossa intimidade seja mais urgente do que a determinação de datas, a busca pelo que de fato aconteceu com o autor.

Há algo de importante em toda esta troca de experiências vividas e sonhadas: o elo afetivo entre a pessoa e o lugar. O autor, em primeiro lugar, ao escrever, tem uma grande ligação com o seu ambiente e em sua obra, ao estornar este elo, acaba chamando atenção do leitor. Por sua vez, este, também conhecendo o seu ambiente, acaba construindo em seu íntimo o mesmo sentimento de ligação com o lugar vivido por ele: "Os valores de intimidade são tão absorventes que o leitor não lê mais seu quarto: revê o quarto dele" (*op. cit.*, p. 206). Ainda ressalta Bachelard: "Tudo o que devo dizer da casa da minha infância é justamente o que me é necessário para me colocar numa situação de onirismo, para me colocar no bojo de um devaneio em que eu vou repousar no meu passado" (*op. cit.*, p.205)

2 Caruaru do passado

Antes de caminhar pela obra ***Terra de Caruaru***, base de estudo deste artigo, será feita uma retomada de fatos de uma Caruaru pertencente a um "tempo que não existe mais" (CONDÉ, 1960, p. 25). A cidade de Caruaru não será retratada neste ponto como seus habitantes a veem atualmente, será apresentada uma outra Caruaru, sem sua grandiosidade de prédios ou de monumentos atuais, uma Caruaru em ritmo de crescimento ainda lento, uma cidade do início do século XX, uma Caruaru do passado.

Caruaru surgia aos poucos no entorno da igreja de Nossa Senhora da Conceição, da então igreja Nossa Senhora das Dores, conhecida como igreja da Matriz, e da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Todas elas forjaram os caminhos para que a cidade fosse crescendo. Em primeiro lugar a capela Nossa Senhora da Conceição é construída por José Rodrigues de Jesus, proprietário da Fazenda que deu origem à cidade, e inaugurada em 05 de outubro de 1782 (FERREIRA, 2001). O lugar passou a servir de parada e

descanso das boiadas que vinham do sertão para o litoral, pela fartura de pasto existente. A partir disso, casas foram surgindo, aos poucos e distantes. Emergiu a feira, a primeira da cidade, limitada, pois pouco existia naquela época para negociar. Mais casas foram sendo montadas próximas à capela, negócios foram sendo criados, crescia Caruaru.

Após a igreja de Nossa Senhora da Conceição, foram construídas a igreja Nossa Senhora das Dores, por conta de desentendimentos entre os próprios católicos, que se dividiam entre a Conceição e o novo templo (FERREIRA, 2001) e a do Rosário, originalmente construída por escravos, antes de mudar para o local onde hoje se encontra (*Op. cit.*). Antigos sítios, como Salgado, Cedro, Juriti, Jacaré, Pau Santo, vão, com o tempo, se transformando em bairros e distritos do futuro município. Passam a ser observadas algumas ruas como a Rua do Vassoural, Rua do Comércio, Rua da Matriz, do Cafundó, entre outras.

O início do século XX é o ponto principal de observação da cidade de Caruaru. O comércio passa por um processo de crescimento surpreendente. Boa parte dos comerciantes arriscaram trocar de empreendimento e partiram para o negócio do algodão. Em pouco tempo, diversos comerciantes enriqueceram com o próspero negócio. Famílias, antes morando em casas simples, construíam ou compravam suas casas na Rua da Matriz, uma das artérias mais famosas da cidade por comportar casas luxuosas.

A ferrovia também ajuda Caruaru em sua trajetória no século XX. Além de ser o principal meio de transporte da cidade para a capital, Recife, o trem auxilia no deslocamento de pessoas que partiam de seus locais de morada para, muitas vezes, virem buscar trabalho na cidade ou apenas procuravam Caruaru como forma de entretenimento para suas famílias. Isto acontecia, principalmente, na chamada “Festa do Comércio”, comemoração conhecida em toda a região, que atraía muita gente de vários lugares, que vinham a Caruaru para aproveitar os festejas e fazer negócios.

É por esta realidade de Caruaru do alvorecer do século XX que o presente artigo se guiará, em busca do imaginário de um dos mais ilustres e importantes escritores da cidade, José Condé, em sua obra intitulada ***Terra de Caruaru***.

3 Terra de Caruaru no imaginário condeano

Chega-se, enfim, a parte principal deste estudo, que não apenas direciona-se ao imaginário coletivo, mas, também, a uma obra que fez de Caruaru um novo ambiente; terra de Chico Lima, Dr. Taveira, Reinaldo e sua esposa Noêmia, da inconfundível Eulina, José Bispo, dos Ribas, entre outros que, mais do que personagens deste romance, tornam-se pessoas que caminham por essas linhas escritas com veracidade e um pouco de amor pela terra, mas, principalmente, percorrem as ruas da cidade de Caruaru, através do imaginário de José Condé.

Mais do que uma obra para retratar o início de uma cidade e seu desenvolvimento, José Condé vem mostrar como Caruaru era percebida em sua imaginação, como ele concebe uma cidade que sempre esteve ligada a ele e vice-versa. É através do romance ***Terra de Caruaru*** que o autor nos coloca diante de sua origem, fazendo-nos sentir as suas repercussões sentimentais e as suas recordações de Caruaru. José Condé soube descrever bem todos os ambientes percorridos por ele no passado; além de ser o autor da obra, ele faz-se personagem imperceptível nela. Ele parece estar a todo instante no romance, observando atentamente cada acontecimento, cada caso, assistindo a toda a cidade, do lugar onde ele se encontra.

A obra ***Terra de Caruaru*** é dividida em oito partes, indo do que poderia ser o início de Caruaru, partindo do imaginário de Condé, até um ano qualquer da década de vinte (século XX). A obra tem início contando como teria se dado o princípio de uma terra considerada maldita por muitos dos que ali passavam: “No começo: simples rancho para pernoite das boiadas vindas do sertão bruto (...). Foi a origem. (...) Os [índios] cariris – por sua vez – intensificaram os ataques e semearam o terror em toda a chapada da Borborema. Um dia alguém disse: – Lugar maldito. Então, as manadas mudaram de rumo em busca de outros pousos.” (CONDÉ, 2011, p. 25)

Assim, José Condé começa a semear seu imaginário, e, do trecho acima, retirado do começo de sua obra, pode-se com ele imaginar cada acontecimento narrado. Condé não chegou a presenciar, de fato, como se deu a origem da cidade, nem se pode afirmar que aconteceu da maneira que ali ele retrata. No entanto, o autor retirou de histórias

ouvidas e de suas lembranças passadas as imagens poéticas necessárias para construir sua Caruaru.

É por isso que não se pode afirmar que José Condé vive totalmente no mundo imaginário. Pelo contrário, ele retira de suas lembranças, da realidade social e dos fatos da cidade de Caruaru e de certas histórias que embalaram sua infância, as imagens necessárias para poder desenvolver o romance caruaruense.

Ainda no início de sua obra, Condé parece se colocar, imperceptivelmente, diante do fundador da fazenda, semente do futuro município, José Rodrigues de Jesus, e ante a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição, hoje igreja da Conceição. Além de se deslocar para um passado desconhecido por ele, Condé faz com que o próprio leitor o acompanhe nessa jornada a cada página. Ele passa a apropriar-se da atenção e do imaginário do leitor, sem que este perceba, ele vai ao seu interior e penetra por sua alma, fazendo eclodir imagens nunca sentidas por aquele que lê.

É pertinente comentar que esse estado de êxtase vivido no momento da leitura por aquele que lê é diferente do leitor que é nativo da terra, ou seja, nascido em Caruaru ou considerado de Cauraru. Ambos sentem a mesma sensação, criam a mesma cidade, passam, pois, a se questionar sobre a veracidade da sua origem, muito embora, para os caruaruenses (ou assim considerados) leitores, isto se torne muito mais familiar, pois, assim como Condé, eles sabem que também fazem parte daquela história que está por acontecer em suas mãos.

Caruaru começa a crescer ao redor da capela da Conceição e o seu comércio local se amplia: “Passara o tempo dos vaqueiros e da tradição pastoril; a cidade – embora com raízes ainda presas ao campo – a este havia derrotado, abrindo novas rotas para o futuro. – O algodão é mãe generosa – diziam os novos ricos.” (CONDÉ, 2011, p. 45). Neste trecho, Condé faz de sua vida e de suas imagens guardadas em seu inconsciente, o necessário para mesclar o real e o imaginário em seu romance. Isto fica mais claro no trecho que segue: “A festa de inauguração de um desses palacetes da Rua da Matriz – exatamente o de número 300 – durou dois dias. Na primeira noite, antes da chegada dos convidados, a Nova-Euterpe tocou diante da casa” (CONDÉ, 1960, p. 45). É pertinente ressaltar que não se tem exatidão de que a festa ocorrida no palacete tenha sido como narrada no livro – embora o festejo tenha de fato acontecido, como contam alguns historiadores, a exemplo de Nelson Barbalho; no entanto, é fato que João Condé,

pai de José Condé, como tantos outros, enrica com o próspero negócio do algodão, e passa a residir, com sua família, na Rua da Matriz, número 300.

Assim podemos perceber o quanto José Condé criou seu universo imaginário através do contato com seu ambiente, em situações que ele vivenciou, fatos que se desenrolaram em torno dele. Por isso as imagens poéticas do romance ***Terra de Caruaru*** parecem situações reais, pois é preciso estar no momento da imagem para que ela possa ser sentida, não somente como fruto da imaginação, mas como algo que pode ter acontecido. Em situação onírica, José Condé fala sobre a sua terra natal, colocando-se em seu devaneio, interior onde repousam suas lembranças do passado

Outro ponto pertinente na obra de Condé são as descrições das ruas e bairros. Ao descrever, por exemplo, o caminho percorrido pela solteirona Eulina, que vai da Rua Vigário Freire até a esquina da Rua da Matriz com a Rua Duque de Caxias, pode-se perceber em detalhes os arquétipos adormecidos no inconsciente de José Condé e a imagem poética nova. Toda essa descrição do percurso de Eulina é antes um modelo do passado vivido e capturado por sua alma, para, então, transformar-se em uma outra imagem, numa imagem poética, desligando-se daquela imagem primeira que Condé interiorizou.

As imagens poéticas propostas por José Condé passam a ser independentes das imagens primeiras. O leitor transporta-se para outro mundo, passa a viver, então, situações antes não vividas por ele. Para ele aquela imagem é tão sua quanto de José Condé. A partir deste momento, o leitor da obra ***Terra de Caruaru*** passa a olhar para dentro de si, a sentir-se seguro em sua alma, agora sua nova morada. O leitor se encontra onírica e interiormente, e assim passa a se habitar. É por meio de José Condé e de seu romance que o passado sonhado e vivido por ele, através do devaneio, passa a viver em uma alma nova, em um leitor novo a cada leitura.

É de igual importância ressaltar, sobre seus personagens, que, mais do que simples imagens inventadas em sua mente, eram pessoas que viviam e conviviam com ele em seu mundo imaginário. ***Terra de Caruaru*** significa mais do que acontecimentos do passado, feitos realizados, ou mesmo pessoas que nasceram, cresceram e viveram naquelas terras. É antes uma obra romanceada da história desta cidade que tanto se faz presente na vida de pessoas como José Condé.

Para conclusões do imaginário de Condé

A obra de José Condé é o resultado de um sonho acordado, vivenciado inconscientemente, pelo autor. É por meio de suas vivências em Cauraru, de sua paixão pela terra e de sua maneira particular em escrever que Condé torna a cidade não apenas um acúmulo de imagens em suas lembranças mas a morada definitiva em sua alma. É aí que tanto Condé quanto o leitor irão habitar. Condé trilha todos os pontos que fazem o imaginário, desde a imagem primeira até sua exteriorização, e é disto que se faz a relação da obra ***Terra de Caruaru*** com o leitor, para, enfim, fazer do leitor da obra condeana o habitante permanente de sua alma sonhadora.

Estudar a obra em seu envolvimento com o leitor seria pertinente, embora para futuros estudos que aí estão por vir. É de igual importância também a divulgação não apenas desta obra grandiosa de José Condé, ***Terra de Caruaru***, mas de todas as outras onze que completam sua vida e todo o seu imaginário.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CARDOSO, Ana Leal & GOMES, Carlos Magno (orgs). **Do imaginário às representações na literatura.** São Cristóvão-SE: UFS, 2007.

CONDÉ, José. **Terra de Caruaru**. 6. ed. Caruaru-PE: W. D. Porto da Silva, 2011.

CUNHA, Eneida Leal. **Estampas do imaginário**: Literatura, História e identidade cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: Introdução à arquetipologia geral. Trad. de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Josué Euzébio. **Ocupação humana do agreste pernambucano –** Uma abordagem antropológica para a história de Caruaru. João Pessoa-PB: Ideia, 2001.

JOACHIM, Sébastien. **A poética do imaginário:** uma introdução a Jean Burgos. Signótica, 8: 125-143. jan./dez. 1996. Disponível em www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/download/7364/5230 acesso em 22/06/2012.